



METODOLOGIA PARTICIPATIVA E AS TÉCNICAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ilma Passos Alencastro Veiga (Org.)

Ana Lúcia Amaral - Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Cleide Maria Quevedo Quixadá Viana - Charbel N. El Hani
Cristina D'Ávila - Edileuza Fernandes da Silva
Joana Paulin Romanowski - José Carlos de Souza Araújo
José Carlos Veloso Filho - Liliane Campos Machado
Luciana Barbosa Mussi - Magda Verçosa Carvalho Branco Silva
Maria Helena Viana de Souza
Otilia Maria Alves da Nobrega Alberto Dantas
Pura Lúcia Oliver Martins - Rosana César de Arruda Fernandes
Sayoanara Geórgia Carrijo Cabral Mihalanche



Ilma Passos Alencastro Veiga

Organizadora

METODOLOGIA PARTICIPATIVA E AS TÉCNICAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

EDITORA CRV

Curitiba - Brasil

2017

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Revisão: Os Autores
Conselho Editorial:

Prof. Dr. Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR)	Prof. Dr. João Adalberto Campato Junior (FAP - SP)
Prof. Dr. Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)	Prof. Dr. Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
Prof. Dr. Carlos Alberto Vilar Estêvão	Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (URI)
- (Universidade do Minho, UMINHO, Portugal)	Prof. Dr. Lourdes Helena da Silva (UFV)
Prof. Dr. Carlos Federico Dominguez Avila (UNIEURO - DF)	Prof. Dr. Josania Portela (UFPI)
Prof. Dr. Carmen Tereza Velanga (UNIR)	Prof. Dr. Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNICAMP)
Prof. Dr. Celso Conti (UFSCar)	Prof. Dr. Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Prof. Dr. Cesar Gerônimo Tello	Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL - MG)
- (Universidad Nacional de Trés de Febrero - Argentina)	Prof. Dr. Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Prof. Dr. Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)	Prof. Dr. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Prof. Dr. Élsio José Corá (Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS)	Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Prof. Dr. Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana - Cuba)	Prof. Dr. Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)	Prof. Dr. Sydione Santos (UEPG PR)
Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana - Cuba)	Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
	Prof. Dr. Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Este livro foi aprovado pelo conselho editorial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catalogação na fonte

V426

Metodologia participativa e as técnicas de ensino-aprendizagem. / Ilma
Passos de Alencastro Veiga (Org). Curitiba: CRV, 2017.
246 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-444-1171-1

1. Educação - aprendizagem 2. Metodologia - conhecimento. I. Veiga,
Ilma Passos de Alencastro, (org.). II. Título III. Série

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação 370

2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela:

Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracrv.com.br

E-mail: sac@editoracrv.com.br

PREFÁCIO

[...], *não concordamos com o fato de deixar o processo educativo nas mãos das forças espontâneas da vida. Nunca poderemos calcular antecipadamente que elementos da vida predominarão em nosso educando [...]* (VIGOTSKI, 1926/2003, p. 77).

[...] *não podemos deixar que a vida – sem a mediação de qualquer ciência – promova as exigências pedagógicas; essa é uma questão da pedagogia teórica* (VIGOTSKI, 1926/2003, p. 42).

A didática, vinculada à pedagogia teórica, tem o ensino como objeto, o desenvolvimento como objetivo e a aprendizagem como condição. Estudos nesse campo têm sua maior relevância, especialmente, porque é no “chão” da escola que os processos de ensino-aprendizagem-desenvolvimento se concretizam.

O livro *Metodologia Participativa: e as técnicas de Ensino-Aprendizagem*, organizado pela professora e pesquisadora Ilma Passos Alencastro Veiga, representa, nesse cenário, uma importante contribuição para professores, estudantes e pesquisadores na área de educação e, mais particularmente, na área de Didática, considerando que reúne 18 estudiosos que trazem, numa perspectiva que supera uma visão reprodutivista do ensino, propostas de intervenções didáticas em duas linhas extremamente respeitáveis: uma relacionada às perspectivas socializadoras e a outra à vertente da prática pedagógica.

O intuito da obra não é o de apresentar um receituário de técnicas, mas o de discutir e problematizar as diferentes contribuições e os respectivos impactos dessas técnicas no contexto da AULA, na atividade pedagógica, seja ela com estudantes, seja em processos de formação de professores.

Nesse sentido, representa um importante registro que poderá ser objeto de estudos e consultas para ações de pesquisa e práticas pedagógicas, compreendendo as diferentes propostas que são aqui apresentadas e analisadas, a partir do eixo epistemológico na qual se localizam, com fundamentos teóricos e práticos que contextualizam as ações didáticas em proposição.

A obra contempla 11 capítulos que estão organizados em três partes. A primeira delas aborda a *Evolução da Metodologia*, a segunda enfoca as *Técnicas de Ensino-Aprendizagem Socializadoras* e a terceira as *Técnicas de Ensino-Aprendizagem na Vertente da Prática Pedagógica*.

A primeira parte, *Evolução da Metodologia*, consta de um único capítulo elaborado pelo professor e pesquisador José Carlos de Souza Araújo. No mesmo, o autor analisa com propriedade e riqueza de detalhes a trajetória experimentada pelas metodologias no último século, ao ressaltar o processo histórico de transição do ensino ativo, que surgiu sobretudo no começo do século XX no contexto do movimento da Escola Nova centrada na atividade do aluno e na experiência como sustentação da aprendizagem, para o ensino participativo, que emerge no Brasil no final da década de 1950 e que ressalta a qualidade de fazer coisas em conjunto, com o companheiro, sobre a base da cooperação e a colaboração.

O texto está estruturado a partir de três questões norteadoras: O que é metodologia de ensino?; O que é metodologia de ensino ativa?; e O que é metodologia de ensino participativa? A partir das mesmas, Araújo tem a oportunidade de estabelecer, em primeiro lugar, as origens e as fundações das referidas metodologias de ensino; e, em segundo, perceber e refletir sobre o processo de transição em curso a favor da superação da metodologia ativa, porém sem denegá-la e, assim, finda a primeira parte da obra.

A parte dois, *Técnicas de Ensino-Aprendizagem Socializadoras*, nos oferece um total de seis capítulos que no conjunto têm em comum o trabalho pedagógico do professor em sala de aula que valoriza a atividade e a participação colaborativa, a partilha e as relações interpessoais.

Os professores e pesquisadores José Carlos Veloso Filho, Luciana Barbosa Musse e Sayoanara Georgia Carrijo Cabral Mihalache, em *O júri simulado: Uma técnica de ensino colaborativa*, abrem essa parte da obra conceituando o termo *simulação* como “tarefas, exercícios, atribuições nas quais os estudantes são apresentados a cenários reais (isto é, baseados em fatos reais) ou realistas (que podem ser extraídos da vida real e adaptados ou serem completamente ficcionais)”. Os autores estabelecem a função da *simulação* enquanto técnica de ensino que tem elevado potencial pedagógico para a motivação dos alunos, a partir da resolução de situações problemas que procuram desenvolver o pensamento crítico e as habilidades de solução de problemas. No capítulo são identificadas e analisadas cinco modalidades de simulação: de situação real, de situação fictícia, de situação simples, de situação complexa e de situação com uso de tecnologia.

Os autores concluem que o Júri Simulado pode transformar-se em uma poderosa ferramenta de desenvolvimento porque permite ao professor superar a mera transmissão de conhecimento através do emprego de técnicas participativas que pressupõem o comprometimento e o preparo para a realização de atividades de aprendizagem; porque exige do estudante

continua prática reflexiva que é adquirida por meio da vivência efetiva antes, durante e após a realização das atividades; porque potencializa a formação de habilidades específicas; e porque estimulada a passagem da heteronomia para a autonomia intelectual, em especial, por verticalizar o saber a partir da experiência.

Na sequência, as professoras Ilma Passos Alencastro Veiga e Rosana César de Arruda Fernandes discutem o papel do painel integrado ou grupos rotativos, enquanto metodologia participativa, problematizadora e colaborativa, no caminho da integração horizontal-vertical. O texto aborda especificamente a concepção, os fundamentos e o planejamento do emprego dos grupos rotativos (painel integrado), tendo como pressuposto que o uso de técnicas demandam do professor atividade consciente e intencionalidade que propicie a participação automotivada e colaborativa dos estudantes.

No painel integrado os alunos se reúnem em subgrupos para estudar, investigar, e diagnosticar, sob a orientação/coordenação do professor; eles são o ator principal na construção do conhecimento. Ao professor cabe a função de orientar o grupo para articular os diferentes conhecimentos, favorecendo o desenvolvimento do trabalho coletivo e integrado. O ponto de partida e de chegada, para esse tipo de estratégia, é a prática didático-pedagógica problematizadora, reflexiva e integradora em sua relação com a realidade educativa e social; o processo de ensino e de aprendizagem é contextualizado, isto é, desenvolvido e articulado a situações as quais os estudantes vivenciarão no cotidiano escolar. A avaliação da aprendizagem, por sua vez, é a categoria central no desenvolvimento dos movimentos de integração horizontal e vertical que permeiam a técnica de ensino.

De acordo com as autoras, esta técnica atravessa três momentos fundamentalmente: o horizontal, o vertical e o integrativo; os quais, no seu conjunto, estimulam o desenvolvimento de atitudes colaborativas.

Em *Diário de bordo: o ato de escrever o vivido*, Cleide Maria Quevedo Quixadá Viana e Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas, analisam a importância dessa técnica no processo de ensino-aprendizagem, enquanto “documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas”. As autoras começam por ressaltar o caráter ainda restrito da literatura científica sobre o tema; discutem também o potencial do diário de bordo tanto no processo de ensino-aprendizagem de estudantes quanto na formação de professores; suas limitações quando apenas empregado como instrumento meramente reflexivo (isso porque entendem a necessidade de que seja permitida a reconstrução dos períodos vitais narrados).

De acordo com as autoras, esta técnica de ensino permite registrar uma variedade rica de aspectos vinculados com a docência: as observações sistemáticas; uma análise crítica contextualizada do andamento das aulas ou tensões e conflitos de problemas referentes ao ensino; *feedback*, conflitos e desdobramentos desses entre professor e alunos; as questões de aprendizagem, as dúvidas, as descobertas, os comentários positivos e fragilidades sobre o assunto em tela etc. É por isso que o diário de bordo favorece as quatro dimensões principais do processo pedagógico: ensinar, aprender, pesquisar e avaliar.

No capítulo subsequente, as professoras Ilma Passos Alencastro Veiga e Edileuza Fernandes da Silva abordam uma técnica que apresenta como seu maior atributo o de dar voz aos próprios estudantes no processo pedagógico. Para além do sentido etimológico que sugere o termo Grupo Tutorial, as autoras abordam os fundamentos do mesmo enquanto técnica de ensino que favorece sua aplicação no espaço-tempo da aula, a partir de pressupostos que valorizam a participação, o intercâmbio, a resolução colaborativa de problemas e a construção coletiva.

Como muito bem destacam Veiga e Fernandes, o grupo tutorial é uma técnica de grande potencialidade porque pode ser utilizada tanto na educação básica quanto na superior sempre e quando sejam respeitadas as características específicas dos estudantes em cada um dos níveis. O leitor também poderá ter acesso no trabalho à dinâmica dos momentos do grupo tutorial, bem como ao modo como se concebe e organiza o protagonismo dos estudantes no interior dessa técnica.

A pesquisadora e professora Ana Lúcia Amaral aborda o ensino baseado em equipes em contextos formativos (*Team-Based Learning – TBL*). Esse tipo de técnica tem como conceito-chave o uso *transformativo* de pequenos grupos (transforma “pequenos grupos” em “times”; uma “técnica” em uma “estratégia”; a qualidade da aprendizagem do estudante; a alegria de ensinar).

De acordo com a autora, a técnica parte de pressupostos que são caros: a) ao se sentirem membros das equipes, os estudantes se tornam desejosos de se comprometer com um alto grau de esforço em sua aprendizagem; b) as equipes ou times de aprendizagem (*Learning Teams*) são capazes de solucionar problemas que estão muito além da capacidade individual até mesmo dos seus membros mais talentosos; c) não é preciso que existam *superstares* acadêmicos para realizar trabalhos de alta qualidade; e d) a equipe se torna capaz de resolver problemas desafiadores e complexos que estão bem acima da capacidade dos melhores estudantes trabalhando sozinhos etc.

A técnica em questão pode ser empregada com sucesso em uma grande variedade de cursos. A mesma deve ser organizada respeitando uma sequência trifásica: Preparação, Aplicação e Avaliação. O êxito da técnica depende, entre outras coisas, do respeito aos critérios de seleção dos conteúdos; que o conhecimento produzido tenha a prática como ponto de partida e de chegada; e que permita aos alunos assimilarem o caráter político da educação.

Na continuidade, a roda de conversa é abordada, por Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, como uma técnica didática tanto em contextos de ensino-aprendizagem discente, quanto em processos de formação continuada de educadores em escala. Numa perspectiva freireana, essa estratégia aparece fundamentada pela importância das interações humanas para a construção das aprendizagens e pela metodologia do trabalho em grupo, com destaque para a criação de ambientes que possibilitem o exercício da livre expressão e da cooperação.

Ressalta-se a importância de que a roda de conversa seja associada a outras técnicas, dentre as quais, explicita a tempestade de ideias. Ao professor atribui-se o papel de relator das ideias apresentadas pelos alunos, bem como de animador por fazer a intermediação no processo, com indagações e ponderações. Na perspectiva abordada, uma das principais tarefas do docente é a preparação do ambiente de aprendizagem, que inclui desde a organização do espaço físico até o planejamento e desenvolvimento de formas de interação entre os sujeitos envolvidos.

Por fim, o texto traz a experiência da roda de conversa como estratégia de formação continuada em escala da MAGISTRA – Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional dos Educadores de Minas Gerais e, assim, encerra-se a segunda parte da obra.

Na terceira e última parte, *Técnicas de Ensino-Aprendizagem na Vertente da Prática Pedagógica*, estão contemplados quatro capítulos, a partir dos quais o primeiro deles traz em foco as técnicas de análises e sínteses como prática didática na sistematização coletiva do conhecimento. Pura Lúcia Oliver Martins e Joana Paulin Romanowski defendem que a prática didática não se limita à orientação técnica, principalmente, por entenderem que a prática é uma importante fonte para se apreender as concepções de educação e de ensino dos professores. Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas consistem na materialização do campo ideal que o docente tem acerca do ensino. Partindo desse pressuposto, compreendem que a opção pelas técnicas de análise e síntese, revela o eixo epistemológico, que guia o processo de ensino realizado pelo professor.

Na proposta apresentada, a *análise* é compreendida como o processo a partir do qual se examina os diferentes componentes de um todo. Propõe-se a descrição, classificação e categorização de cada uma das partes que o compõem, sem que se perca de vista a relação que se estabelece com a totalidade. A *síntese*, na perspectiva abordada, constitui-se na “reunião das diversas partes do todo em uma unidade, por meio de um processo que parte do simples para o complexo em torno de uma tese dialeticamente desenvolvida”. As autoras defendem que as técnicas de análise e síntese possibilitam um ensino que supera a reprodução e se constitui enquanto elaboração do conhecimento, implicando desenvolvimento de operações mentais pelos alunos. Toda a proposta apresentada está fundamentada na perspectiva da *sistematização coletiva do conhecimento*.

A oficina pedagógica como técnica de ensino interativa é enfatizada no texto de Liliane Campos Machado. A autora traz, inicialmente, os antecedentes históricos da oficina pedagógica, bem como a compreensão conceitual que se apoia para definir oficina como uma técnica educativa e, finalmente, apresenta algumas propostas de planejamento de oficinas pedagógicas como ação interativa entre o pensar e o fazer coletivo. A oficina é abordada no capítulo como local do fazer e do realizar algo numa perspectiva criativa e de descoberta, como “espaço de trabalho coletivo e participativo que se caracteriza pela participação responsável de cada sujeito na execução de uma tarefa”, tendo por objetivo a aprendizagem enquanto práxis educativa.

Nessa abordagem, organiza e apresenta as ações do trabalho com a oficina pedagógica tomando o percurso proposto por Saviani; partindo da prática social inicial, problematizando-a, instrumentalizando-a, passando pela catarse e culminando numa nova prática social. Apoiada em Freire, defende a oficina como situação de ensino-aprendizagem aberta e dinâmica, acolhedora dos sujeitos envolvidos e propiciadora de um trabalho coletivo; razão pela qual destaca a importância de se constituir uma cultura de participação e de integração na escola. Conclui enfatizando a dimensão afetiva e ético-moral que a oficina pedagógica propicia e declara sua expectativa de que o uso dessa técnica “auxilie na formação de um sujeito emancipado e [...] que lute pela emancipação”.

Na sequência, Cristina d'Ávila e Charbel N. El-Hani discutem o conceito de inovação na área de Educação, alertando para o fato de que inovação, muitas vezes, é confundida com a aplicação de técnicas, de atividades lúdicas ou experimentais. Defendem, na contramão dessa ideia, uma concepção de inovação emancipatória (ou edificante), na qual

o diálogo com os saberes locais e os diferentes atores, é fundamental para que ocorram de fato rupturas epistemológicas. Sendo assim, os autores se contrapõem a qualquer tipo de mudança na prática que se é imposta aos docentes, sem diálogo e rupturas no sentido apontado, sem os quais, se obteria, no máximo “mudanças de caráter normativo, regulador, burocrático e uniformizador”. Com essa concepção de inovação, propõem que o processo de ensino-aprendizagem se dê por investigação no âmbito das comunidades de prática.

Nessa perspectiva, defendem que o caráter emancipatório da inovação promova aos estudantes autonomia e empoderamento de novos conhecimentos. Um ensino-aprendizagem pautado na investigação no âmbito de Comunidades de Práticas (COP) tem no professor a finalidade de mediador, superando a função de tutor; uma vez que por essa abordagem ele também experiencia a investigação como sujeito. Para evidenciar isso, os autores apresentam uma prática de inovação emancipatória na área pedagógica, mediante uma experiência de Comunidades de Práticas (COP), e a partir dela abordam o conceito de ensino e aprendizagem por investigação, como prática pedagógica inovadora e emancipatória.

A obra encerra-se com o capítulo de Magda Verçosa Carvalho Branco Silva, Ilma Passos Alencastro Veiga e Maria Helena Viana de Souza, que trazem a origem e evolução dos protocolos de experimento no contexto das atuais ocorrências do desenvolvimento educacional. Nesse capítulo, é destacada a importância desses protocolos como um elemento cooperador no processo de aquisição do conhecimento cognitivo, das habilidades e das atitudes necessárias à formação profissional. Com essa proposta, analisam a origem, a evolução e o conceito de laboratório; a aula teórico-prática laboratorial; os fundamentos e as características do protocolo de experimentos; as etapas de preparação, realização e avaliação do protocolo de experimento; bem como os impactos e as contribuições das atividades laboratoriais.

As autoras concluem que são inúmeras as contribuições desse instrumento para que se tenha uma articulação entre as ações e as proposições dos Projetos Pedagógicos dos Cursos; dentre as quais, destacam: “criação de cenários de convivência entre professores e estudantes; desenvolvimento da possibilidade para a formação dos estudantes; reconfiguração da aula teórico-prático-laboratorial; reconhecimento da heterogeneidade existente na sala de aula de teórico-prática laboratorial; transformação da aula teórico-prática laboratorial em ações baseadas na ética e na solidariedade; produção de artigos científicos para apresentação em eventos e publicações em revistas qualificadas; processualidade, e continuidade dos diferentes

momentos da aula; flexibilidade pedagógica onde cada momento traz consigo o anterior e se prolonga nos seguintes; estabelecimento de rede de relações entre teoria e prática na qual o objeto ou fenômeno estudado estão conectados; busca de pistas/soluções no sentido de caminhos que precisam ser trilhados para concretizar o protocolo de experimentos; e possibilidade de momentos de interação entre professor e estudantes sem relações hierárquicas que, geralmente, norteiam essa convivência”.

O passeio pela obra nos permite não apenas observar a diversidade e profundidade das contribuições e proposições que compõem cada um dos capítulos aqui reunidos, mas também a preferência dos autores por uma metodologia de ensino que valorize a participação ativa, motivada, colaborativa, construtiva e coletiva em volta de um projeto pedagógico que tem como alicerce a resolução de problemas complexos e antenados com o cotidiano dos estudantes. Nos faz um convite também à leitura, ao aprofundamento teórico e ao exercício da prática pedagógica.

Por essas palavras introdutórias, desejamos a todos uma excelente leitura, com a esperança de que o convite se faça realidade e o estudo de seu conteúdo nos prepare ainda mais para a necessária transformação da escola brasileira.

Andréa Maturano Longarezi

Roberto Valdés Puentes

Docentes e pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia